

**LEVANTAMENTO DO LÉXICO INDÍGENA
NO DIA A DIA DOS SUL-MATO-GROSSENSES**

Amanda Luiza da Silva Zuque (UEMS)

amanda_zuque3@hotmail.com

Nataniel Gomes dos Santos (UEMS)

natanielgomes@hotmail.com

RESUMO

A língua reflete influências do ambiente social, como os determinantes sócio históricos, culturais e geográficos relacionados à história social dos falantes. E, especialmente no léxico, essas influências são percebidas, por se refletirem nas escolhas dos usuários. O presente artigo visa demonstrar a contribuição do léxico indígena no acervo lexical dos sul-mato-grossenses, a pesquisa contou com dados bibliográficos atuais e dados do IBGE para facilitar a compreensão e comparação entre os resultados obtidos. É de suma importância o tema haja vista que famílias indígenas enfrentam dificuldades para sobreviver e resistindo aos avanços da modernidade, como consta na pesquisa seis nações indígenas de Mato Grosso do Sul ainda tentam manter seus costumes, tradições e sua língua nativa.

Palavras-chave: Léxico indígena. Sul-mato-grossense. Pantanal.

1. Introdução

A sociolinguística é uma área de estudo que possui uma diversidade de perspectivas teóricas, metodológicas, de objetos e objetivos. No Brasil a pesquisa sociolinguística é bastante produtiva, atualmente, temos a nossa disposição uma infinidade de publicações que discorrem sobre as variações linguísticas internas ao português brasileiro.

A pesquisa sociolinguística problematiza e dá visibilidade a sua heterogeneidade interna. Independente do número de falantes que integra uma coletividade linguística, toda língua é um conjunto complexo de variedades. Assim ocorre com mais de 200 línguas indígenas que são faladas atualmente no Brasil. (MOLLICA, 2016)

Por se tratar de línguas não indo-europeias e praticamente desconhecidas do ponto de vista científico, a pesquisa é feita descrevendo-se, inicialmente e em médio prazo, analisando assim os níveis, fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos.

De acordo com essa breve introdução podemos visualizar um panorama em que a linguística indígena brasileira ainda possui muito traba-

ho pela frente, quebrando barreiras principalmente no que tange aos pre-conceitos linguísticos, a fim de tornar mais conhecidas as estruturas e particularidades fonológicas, gramaticais e discursivas das línguas indígenas brasileiras. Sua importância no processo de ensino aprendizagem e sua posterior divulgação por meio de palestras, seminários, simpósios e publicações científicas.

2. Sociolinguística e línguas indígenas

Na condição de línguas naturais, e ainda sendo a maioria delas falada por um número pequeno de indivíduos, cada uma das línguas indígenas brasileiras é dinâmica, heterogênea e um objeto legítimo de estudo da sociolinguística.

A variedade de línguas indígenas, pertencentes a famílias e troncos linguísticos diferentes, e, portanto, com tipologias próprias, é a grande responsável pelo multilinguismo brasileiro. Tal variedade, por si só, já desperta o interesse da linguística. No entanto, a isso podemos acrescentar que todas as línguas indígenas brasileiras estabelecem formas próprias de contato entre si e com a sociedade nacional e o português brasileiro, gerando um contexto sociolinguístico diversificado e praticamente desconhecido porque são poucas as situações pesquisadas. (MOLLICA, 2016)

Para Ferdinand de Saussure (1969, p. 28), o objeto de estudo da linguística “é a língua e não a fala”, de modo que uma língua é definida como um sistema de elementos. Sendo assim a melhor definição para esse sistema foi proposto por José Luiz Fiorin (2015, p. 82), “um conjunto organizado em que um elemento se define pelos outros”. Se uma língua pode ser estudada como um sistema, ela deve ser definida nos mesmos termos.

Observando mais de perto as características da composição e da derivação, vemos que existem dois processos distintos e complementares na função de formar palavras de acordo com nossas necessidades de comunicação.

Os estudos das variações linguísticas estão alcançando novos patamares, porém há desigualdade no tratamento dispensado às variações regionais e sociais, principalmente em regiões nordestinas e em terras indígenas. Assim como a região nordestina sofre discriminação social, econômica e culturalmente em relação às demais do país, a população in-

dígena também enfrenta grandes obstáculos.

Em uma comunidade de fala, as variações fonéticas, por revelarem diferenças sociais e espaciais, são frequentemente submetidas a julgamentos de valor por parte dos falantes. Então, sob o aspecto sociolinguístico, pode-se dizer que a língua dependendo de sua localidade, atribui prestígio ou desprestígio àquele indivíduo ou ao grupo que a domina.

As palavras, ou itens lexicais, são os elementos básicos que utilizamos para formar enunciados, quase sempre fazemos uso automático das palavras, sem ao menos pensar sobre elas. Muitas vezes não nos damos conta de que essas unidades com que formamos enunciados não estavam disponíveis para uso e foram produzidas por nós mesmos, na hora em que a necessidade apareceu. Do mesmo modo, quando estamos lendo um jornal ou livro, em geral não percebemos que algumas palavras do texto não faziam parte do nosso vocabulário anteriormente à leitura. O mesmo ocorreu e ainda ocorre com algumas palavras de origem indígena e que faz parte do vocabulário da população que indiretamente as recebeu de herança.

Para se identificar as variações e as palavras que foram “empresadas” pelo léxico indígena por parte da população sul-mato-grossense faz-se necessário o cumprimento de uma meta, ou seja, realizar um mapeamento das variações e um levantamento das palavras mais comumente utilizadas, porém de origens desconhecidas pelos mesmos.

A maioria dos estudos nessa área investiga os resultados do contato entre uma língua indígena e o português tentando encontrar respostas para diferentes situações linguísticas criadas pelo contato inevitável entre índios e não índios. Essa é uma típica situação de pesquisa em que os aspectos extralinguísticos são cruciais para a compreensão do objeto investigado. Uma questão bastante relevante, por exemplo, é a manutenção ou perda da língua minoritária (a língua indígena) quando a comunidade de falantes apresenta um alto índice de bilinguismo ou de monolinguismo em português. (MOLLICA, 2016 p.149)

2.1. Línguas indígenas em Mato Grosso do Sul

O Pantanal está localizado nos estados de Mato Grosso do Sul (MS) e Mato Grosso (MT), foram encontrados às margens dos rios grandes núcleos de "selvagens", os quais eram capturados e levados para longe de seu *habitat* natural, onde em pouco tempo morriam.

Antes da chegada do “homem branco”, o povoado possuía apenas dois caminhos de trânsito para o Pantanal.

O primeiro cruza o rio Paraná, acima do Iguatemi, alcançando-se assim os campos de Vacaria. Ali se permaneceram, posteriormente, os jesuítas, em Santiago de Xerez, e por ali cruzaram, no local conhecido como Passo dos Guaicurus, os bandeirantes paulistas. (ASSEMBLEIA, 2004)

A segunda passagem é Chiquitos, um istmo (faixa de terra que liga duas áreas maiores) muito estreito de rochas antigas, que une as terras altas brasileiras. De frente ao Porto Esperança, encontra-se o caminho que os jesuítas fizeram para fundar a república missionária dos Chiquitos, em território boliviano.

As tribos do Pantanal que tivessem conhecimento sobre essas passagens obtinham hegemonia sobre as demais.

Isso ocorreu com os m'bayas, dominadores dos guaranis desde a mais remota antiguidade. Talvez se deva a esse domínio, o fato de que no ano de 1850, já não constava na listagem dos índios da região, a tribo dos guaranis.

De acordo com a Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul (ASSEMBLEIA, 2004). Os missionários jesuítas espanhóis que mais tarde se destacaram na sua colonização, primeiramente em Guáira e depois na província de Itatim ou Santiago de Xerez, no território do sul de Mato Grosso, delimitada pelos rios Taquari e Apa.

Durante a sua permanência nos estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, os jesuítas tentaram aproximação com os povos Guaicuru e Paiaguás, não obtiveram êxito, porém, conseguiram catequiza-lo como fizeram com o povo guarani.

A preferência dos bandeirantes pelos indígenas aldeados pelos jesuítas explicava-se pelo fato de se apresentarem já domados, apesar de vários relatos sobre jesuítas que lideraram a resistência contra os bandeirantes.

A família tupi-guarani constitui um dos maiores grupos que habitavam a América do Sul, abrangendo o território brasileiro, paraguaio, e argentino, de falantes da mesma língua, possuindo costumes e religião semelhantes.

Dentre os demais povos que habitavam a região centro-oeste, o guarani se destacava no quesito cultural. Sua decadência e o desaparecimento de diversas tribos foi ocasionado pela entrada dos bandeirantes paulistas à procura de escravos.

No território pantaneiro, muitas tribos dessa família ocupavam as margens dos rios desde o Paraná até o Miranda, e do Paraguai ao Apa.

As tribos indígenas se estabeleciam de acordo com o curso da água. O rio, facilitava o transporte e também propiciava sua alimentação. (ASSEMBLEIA, 2004)

A origem dos indígenas no Pantanal começa com os “M'bayá” – tronco de que descendem os guaicurús, paiaguás, guatós, terenas e os caduiús, cujos remanescentes são representados pelos caduiús, hoje semiaculturados.

O contato com o homem branco, fez com que os m'bayas que já se achavam divididos em numerosas hordas, se dividissem cada vez mais. Destas hordas, se destacaram pelo domínio do cavalo, os charruas, minuanos e os guaicurús. Dificilmente conseguimos determinar o que ocasionou a destruição destas tribos, devido aos poucos registros dessa época. Nessa região, viviam tribos que falavam línguas diversas e apresentavam profundas divergências culturais. As diferenças culturais, sociais e de domínio eram gritantes. (ASSEMBLEIA, 2004)

Os primeiros habitantes do Pantanal não falavam uma única língua, isso devido a influências de correntes anteriores à colonização, fazendo com que cada grupo usasse um vocabulário diferenciado e único.

Os ribeirinhos (canoeiros guatós e paiaguás), tiravam sua subsistência do rio Paraguai e migravam para outras regiões no período de cheias. Outras tribos, no entanto, eram constituídas por seminômades e coletores (como os guaicurús), viviam em terra e eram regidos pelas de acordo com as enchentes.

Nos terrenos mais abrigados e mais próprios para o cultivo viviam tribos de lavradores, como os guanás, de língua aruaque.

Historicamente, guaicurús, paiaguás e caduiús foram de maior importância: belicosos, exerceram amplo domínio sobre as demais tribos, absorvendo-as a ponto de isso gerar confusão entre historiadores, e opuseram-se ferreamente ao colonizador. (ASSEMBLEIA, 2004)

Na região pantaneira também viveram outras como os xamacocos, quinquinauús, guanás, terenas, guatós, bororos, caiapós etc.

3. Contribuição indígena para o léxico sul-mato-grossense

Mato Grosso do Sul possui uma população de 2.682.386 habitantes (de acordo com uma estimativa do IBGE 2016). São 79 municípios e suas principais atividades econômicas são a agricultura, pecuária, serviços e mineração.

Etnias: brancos (48,9%), negros (4,2%), pardos (45,2%), amarelos ou indígenas (1,7%).

Rios importantes são os rios Paraná, Sucuriú, Verde, Pardo, Aquidauana, Paraguai, Miranda, Ivinhema. Os dados acima já apontam a influência do léxico indígena para nomear cidades e rios.

Para evidenciar essa influência podemos citar dois bairros do município de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul e que recebem nomes indígenas.

“Buriti” é uma palavra de origem tupi-guarani “mbur” que significa alimento; “iti” árvore alta; árvore alta de alimento ou de vida. É um bairro localizado perto do aeroporto da cidade e não possui qualquer relação com a descrição da palavra.

“Caiçara” também deriva do tupi-guarani “caá-içara” significa a cerca de ramos. É um bairro menos populoso, localizado no centro da cidade e não possui qualquer relação com moradores indígenas.

“Caipira” deriva do tupi-guarani “caaipura” e significa de dentro do mato. Nome que os índios do interior de São Paulo deram aos colonizadores. É possivelmente a palavra mais utilizada principalmente para denominar pessoas que residem no interior, ou em fazendas.

“Catuaba” bebida popular entre os jovens devido ao seu baixo custo, muitos jovens possivelmente nem imaginam que essa palavra deriva do tupi-guarani “caá” planta, folha, mato “tua” taludo e “ibá” árvore.

Guri palavra que vem também do tupi-guarani “guirii” terno, brando. Termo muito usado no Sul do Brasil, para criança do sexo masculino. Muitas composições musicais antigas, tais como o grupo

do pantanal carrega essa marca forte, onde sua música de maior sucesso foi o “Guri Chamamezeiro”, destacando uma forma carinhosa de nomear meninos.

4. Considerações finais

É de suma importância evidenciar as influências indígenas em nosso acervo lexical, pois constituem abundante exemplário por empréstimo. O povo indígena nomeava tudo e a todas as coisas de acordo com a sua necessidade, numa vinculação constante e objetiva com o seu *habitat*, com o ecossistema e com o meio ambiente, abarcando nomes de habitações, elementos da fauna e da flora, acidentes geográficos, fenômenos da natureza etc.

A língua, patrimônio cultural de um grupo social, sempre traz arraigado consigo fatores que perpassam os limites linguísticos em sua composição. O processo de nomeação da realidade revela, pois, também a forma de pensar do homem, uma vez que, ao nomear o mundo que o cerca, ele imprime, nos designativos, seus conhecimentos, crenças e tradições, sua cultura, enfim, formando seu repertório lexical.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSEMBLEIA Legislativa de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <<http://www.al.ms.gov.br/Default.aspx?Tabid=56&ItemID=12357>>. Acesso em: 20-04-2017.

BRASIL. *Censo demográfico 2010*. Características gerais dos indígenas. Resultados do Universo. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2012.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

COELHO, Izete Lehmkuhl. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

FONSECA, Maurício; HERRERO, Marin. (Orgs.). *Brasil indígena: histórias saberes e ações*. São Paulo: SESC São Paulo: Ministério da Educação/Ministério da Cultura, 2014.

FIORIN, José Luiz. *Introdução à linguística*. 6. ed. 4ª reimpr. São Paulo:

Contexto, 2015.

MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI JUNIOR, Celso. (Orgs.). *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas brasileiras*. Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

_____. Panorama das línguas indígenas da Amazônia. In: QUEIXALÓS, Francisco; RENAULT-LESCURE, Odile. (Orgs.). *As línguas amazônicas hoje* (= *Las lenguas amazónicas hoy* = *Les langues d'Amazonie aujourd'hui* = *The Amazonian languages today*). São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000.